

O psicólogo auxiliando na qualificação do Treinador:

Potencializando talentos no cotidiano de um clube de Futebol

*Lizete Leonhardt*

O futebol.

O futebol tem se mostrado o esporte mais universal e popular, com uma longa história desde sua origem documentada entre os chineses, gregos e romanos na Idade Médi, a até sua regulamentação no século XIX, na Inglaterra.

A força do futebol como fenômeno desportivo se consolidou mais precisamente no século XX. Ao longo dos anos se transformou num agente de entusiasmo desportivo popular sem paralelo. Semanalmente, milhões de espectadores comparecem aos estádios de dezenas de países, em todos os continentes para ver jogos em que se disputam campeonatos nacionais e internacionais, taças, torneios ou simples amistosos.

O profissionalismo determinou uma atividade futebolística incessante que, em vez de provocar a saturação, tem causado a adesão de novos adeptos, a fundação de outros clubes, o progresso técnico e financeiro do mais admirável dos esportes.

O advento do profissionalismo foi decisivo para os destinos do chamado “ esporte das multidões”, no Brasil e no mundo. As arrecadações aumentaram nos campos, incentivando a construções de grandes estádios, aumentando a remuneração dos jogadores e, com isso, vem a necessidade de vitórias para valorizar os jogos e aumentar as rendas. O futebol ultrapassa, assim, as fronteiras do simples esporte. Tende a transformar-se cada vez mais em espetáculo público, um negócio como tantos ,em que os lucros variam diretamente na razão do capital empregado na formação de conjuntos poderosos. (Enciclopédia Barsa Vol.8 p.71.)

O futebol abre hoje espaço para muitos profissionais especializados no assunto, não só ao atleta, mas a uma vasta gama para treinamentos específicos e apoio, entre estes o Treinador cuja função assume dimensões de grande importância na performance dos atletas.

É dentro desta perspectiva, levando em conta a importância deste profissional , que nos dispomos a falar neste trabalho. Buscaremos focar o auxílio do psicólogo na qualificação do treinador de futebol nas categorias profissional e amador, assim como as possibilidades de intervenções .

## O treinador de Futebol

Conhecer, portanto, as variações de ambiente que permeiam uma equipe de apoio e comissão técnica, mais precisamente na pessoa do treinador, é o objetivo de nossas considerações.

O futebol negócio, tem exigido, cada vez mais, o profissionalismo de atletas e dos demais envolvidos com tal trabalho. O treinador de futebol tem, neste contexto, um papel único e peculiar. Além de exercer a “arte de treinar” é visto como figura de poder e autoridade formal para escalar, trocar, retirar e afastar. Na medida em que tal tarefa representa status de comando, passa por situações de alta cobrança, pressão e estresse.

Frente a isso, muitas questões surgem e suscitam reflexões de quem trabalha próximo a este sujeito.

Como pode, esse treinador, exercer bem seu trabalho e garantir uma prática bem sucedida diante de um cargo, também, tão conhecido por sua instabilidade e vulnerabilidade?

A profissão de treinador de futebol, nos últimos anos, tem alcançado um mercado respeitável em nosso país, com grande valorização e glamour, inclusive. Mas, como administrar o que disso decorre, pois é notável que venham junto às expectativas de bons resultados nas equipes treinadas, poucas chances de falhas, pouca tolerância de dirigentes, torcida, imprensa e patrocinadores?

Cada vez mais, percebe-se o treinador de futebol mais exigido para o profissionalismo e o diferencial, que traga uma atuação ultrapassando o conhecimento técnico, dirigindo táticas e jogadas ensaiadas. Junto a isso, aparece a necessidade de conhecer quem treinará, como é esse indivíduo por trás do uniforme, quais suas características de personalidade, qual o manejo adequado a utilizar. Ao treinador cabe tornar-se acessível a um auxílio para abarcar com essa nova e necessária tarefa. É neste momento que surge a demanda para o psicólogo investir num trabalho com o treinador.

## O psicólogo no cotidiano de um clube.

No cotidiano de um clube de futebol a presença do psicólogo pode auxiliar na condução desse processo de qualificação , especialmente dentro da demanda que se origina ao treinador. Mas, para se caracterizar de fato num trabalho de parceria , lado a lado, é necessário, primeiramente , saber quem é esse sujeito treinador com o qual pretende-se trabalhar.

Vamos encontrar muitos ex jogadores no comando das equipes e também profissionais graduados em Educação Física, acusando dois momentos distintos na formação técnica e de identidade dos mesmos . Esses são aspectos que ,certamente, farão diferença na forma como irão conceber o trabalho do psicólogo, mas não serão decisivos. Decisiva será a sensibilidade deste sujeito às questões que se apresentarão como proposta de parceria.

Por vezes, o caminho será longo e trabalhoso, dependendo do conceito e das resistências que virão acerca da psicologia , e para atender uma demanda de trabalho - nem sempre consciente para o treinador- o psicólogo precisará estar muito disposto , muito motivado ,sem demorar a apresentar as razões de sua presença.

Divulgar o que se pode realizar, ganhar credibilidade, buscar a confiança para a formação de vínculo, não estimular fantasias quanto a competição entre ambos é garantia de ganho para o trabalho acontecer. Se resistências forem vencidas e o psicólogo sustentar sua intenção de incorporar a intervenção psicológica por meio de um trabalho de apoio ao treinador, estará conquistando um passo fundamental.

Conforme Moura (1978) “ ... as pessoas em geral resistem a mudanças porque elas vêm abalar exatamente aquilo que já se tem estruturado”.

A idéia essencial é fazer do psicólogo no futebol um assessor, ajudante e complemento na compreensão do treinador quanto `a sua prática com os jogadores, assim como atender sua própria demanda de ansiedades, de dúvidas , de desejos, de preocupações. Para que isso ocorra, entende-se o valor de um trabalho no cotidiano , presente em todas as rotinas do clube.

No contato eventual, esporádico ou temporário , o psicólogo, muitas vezes, perde esse contato e é absorvido quase totalmente pela demanda dos atletas, pouco sobrando para o treinador.

Pode-se elaborar um trabalho sistemático visando assessoria ,conforme modelo de Roffé (1999), em forma de reuniões com o treinador e/ou sua comissão técnica buscando:

- auxiliar com a utilização de instrumentos científicos e de técnicas grupais a fim de informar acerca dos jogadores, suas características psicológicas ;

- assessorar o treinador quanto à sua intervenção com os jogadores melhorando a comunicação em preleções e palestras assim como em treinamentos , promovendo orientações claras e objetivas: Ex. ...você deve melhorar a marcação ....fazendo.....Não deixar que dúvidas, barreiras acabam em distanciamento da comunicação;

- observar treinos e jogos e, a partir do observado, reunir-se para discutir possíveis aspectos intervenientes no rendimento de cada jogador e/ou do grupo;

- mediar situações de conflito entre o treinador e jogador;

- favorecer a integração de treinador com atletas novos, orientando processos de inclusão com técnicas e dinâmicas conforme o momento e situação;

- auxiliar o treinador na compreensão dos seus atletas, na percepção de quem são, respeitando suas individualidades, valorizando-as mas incluindo-as como forças para agregar o grupo;

- auxiliar no entendimento do que se passa no ambiente do clube, dos treinamentos e dos jogos, em momentos pré e pós competição, e na avaliação dos resultados efetivos.

A aceitação da proposta de trabalho conjunto se dará no momento em que o treinador compreender o objetivo do psicólogo poder e dever estar ali , ganhando esse espaço para intervir. À medida que se estruturar esse novo processo, podemos nos utilizar de intervenções informativas, associando palestras com material didático, sugestões de cursos e eventos de qualificação. Como efeito disso, tem-se notado um impulso para o treinador se tornar melhor motivador de pessoas, melhor comunicador de objetivos e orientações táticas, creditando melhores chances de obter dos atletas uma compreensão de como jogar por resultados mais favoráveis. Percebe-se pela experiência que, na utilização deste enfoque, os resultados vêm oriundos de uma noção de valorização que o atleta sente ao se perceber mais atendido em suas necessidades, enquanto indivíduo. Encontrar-se-á um clima de aceitação mais plena no que tange a um enfoque mais humano da parte do treinador. O feed-back mais importante vem do grupo que responde com maior liberdade na prática de trabalho. Treinos mais alegres e

jogos com mais comprometimento demonstram um grupo que se sente extremamente mais motivado. Isso confere com o que defendem os teóricos da motivação. Maslow (apud Lopes,1971) refere que o homem sempre está em busca de necessidades que seriam as razões de motivar-se na procura da satisfação. O atleta que se percebe respeitado em sua individualidade e atendido em suas necessidade de expressão, que pode opinar e criar, utilizando-se da idéia de interagir numa relação de responsabilidade, certamente corresponde de forma mais plena. O treinador que investiu numa abordagem de maior consideração com estes fatores ganha em respostas mais entusiastas na prática do jogo. Ocorre uma troca efetiva de forças, formando um sistema uniforme.

A questão do treinador ficar habilitado para intervir com adequação , considerando aspectos individuais o faz aplicar os novos padrões que com ele foram trabalhados e deixa de lado alguns padrões estereotipados que existem no futebol e que comumente se chama de “estrelismo” . Ao conseguir valorizar a atitude criativa que o atleta por vezes tem e que resulta da vontade de participar , de ajudar em situações pouco previstas em treinamento, o treinador atribui valor `as individualidades e saberá discernir que a prática concreta do jogo no campo apresenta uma quantidade inumerável de situações que ele não conseguiu colocar no plano estático do papel. Além de incentivar o uso pleno da capacidade criativa, está utilizando-se de um recurso motivacional de forte impacto.

Um treinador que interage com o psicólogo e torna-se capaz de trabalhar com esse enfoque está antes de tudo comprometendo-se em ser ouvinte do novo, ser sensível `a parceria que pode lhe agregar valor ao conhecimento técnico que sustenta sua profissão.

Para Samulski (1995), líder é aquele que coordena os processos de interações e comunicações existentes dentro do fenômeno de liderança. O líder deve ser eficaz na transmissão de mensagens, apresentar boa capacidade de solucionar problemas e tomar decisões apropriadas.

Ao psicólogo cabe auxiliar o treinador a desenvolver sua capacidade para lidar melhor com essa liderança.

A derrota indesejada , o empate tolerado e a vitória desejada e perseguida, cada qual com suas emoções , cada qual com seu resultado leva o treinador a uma reflexão muito peculiar de fracasso ou de sucesso. A toda e qualquer destas emoções , o

psicólogo em sua parceria diária pode ser continente e guia para uma nova reflexão de continuidade, de procura e de novas estratégias, sempre potencializando os talentos envolvidos na vida esportiva.

Tanto a derrota quanto a vitória devem ser consideradas de forma a não comprometer o trabalho do grupo, evitando sentimentos de abatimento ou euforia, respectivamente, ambos prejudiciais ao desempenho de uma equipe.

O psicólogo deve trabalhar junto ao treinador e ao grupo de jogadores no sentido de introduzir um conceito de que não se avalia um time por resultados esporádicos ou pontuais, mas por um desempenho coletivo ao longo de toda uma temporada. Isso serve como “amortecedor” de grandes impactos como numa derrota inesperada ou numa vitória expressiva - o popular “salto alto”.

Atendendo à demanda do treinador de Categorias de Base no futebol.

Para considerarmos o treinador de futebol de base, mencionaremos uma diferença básica entre este e seus colegas do futebol profissional.

O treinador de base não sofre pressões do clube, torcida e imprensa nas mesmas proporções do treinador do profissional. O resultado de campo não é tão decisivo para o clube pois, nesta categoria, a finalidade maior é formar atletas. O treinador, portanto, é poupado de parte do estresse ao qual o do profissional é submetido constantemente.

Neste sentido, entendemos que o psicólogo ao trabalhar com o treinador de categoria de base deve considerar qual será sua maior necessidade, o que entendemos ser as variações de ambiente que enfrentará diante das flutuações dos adolescentes treinandos. Por esta razão passaremos a considerar informações que possam nortear a intervenção do treinador com esse público.

O treinador de futebol de base trabalha com atletas em idade variadas, incluídos em categorias chamadas Infantil, Juvenil e Júnior, dos 13 aos 20 anos, coincidindo com o período de maior transformação física e psicológica de um jovem, a adolescência.

Ao nos utilizarmos das teorias do desenvolvimento para entender o jovem adolescente, encontramos respostas para boa parte das atitudes do mesmo, assim como justificativas para compreender suas buscas e, entre essas, aquela que leva ao

envolvimento com a prática esportiva. Com o futebol, isso toma proporções sempre maiores e, cada vez mais cedo, os jovens iniciam um processo de inserção no mundo esportivo, por vezes como prática recreativa mas, especialmente, como prática de alto rendimento.

Todavia, o alto rendimento é apenas uma fase, ou melhor, é a última de um processo que deixou muitos jovens para trás, desistindo ou levados a desistir no meio de um caminho de grande competitividade, de exigências e pressões. Como se comprova na prática e nas pesquisas, razões diversas, internas e externas ao jovem aspirante a jogador de futebol, contribuem para esse desfecho. Muitas destas nos reportam a importância do treinador, cujas intervenções e trabalhos são objetivo da nossa apreciação atual.

Clubes de futebol que mantêm categorias de base, geralmente têm em mente a formação de atletas, para aprimorar talentos que os levem a se tornar atletas profissionais no próprio clube. A figura do treinador neste contexto obriga-o a levar em conta quem, de fato, são estes seus clientes, como estes se comportam e se sentem na fase em que se encontram na vida, quais as necessidades e possibilidades que eles possuem. O treinador de categorias de base precisa ser entendido como alguém contribuinte no desenvolvimento físico, motor, social e emocional de seus atletas, integrando-se no processo educativo e formativo dos mesmos.

Concorda-se neste ponto com M. Guarino (1996) quando diz que o treinador precisa entender que seu trabalho não é apenas o ensino de técnicas, pois este não é um processo à margem da própria prática esportiva, deve atender portanto a outras necessidades emocionais e psicológicas do treinando.

Nisso baseamos nossa apreciação de que o psicólogo pode auxiliar ao treinador na compreensão de todo esse fenômeno de transformação. O jovem adolescente torna-se facilmente influenciável por atitudes e hábitos daqueles a quem admira. Busca para si referências fortes para idealizar o melhor, o maior e mais poderoso entre todos os ídolos e o treinador passa a fazer parte destes modelos de influência.

Ao pensarmos o desenvolvimento da criança, seu crescimento até a adolescência- período em que o treinador passa a fazer parte de sua vida- reforçamos necessidade do trabalho da psicologia dirigido ao preparo deste sujeito como fundamental para trabalhar esse público.

Reportamo-nos às teorias de personalidade que nos dizem que o ser humano, ao nascer, não traz uma personalidade bem definida ou uma psicologia bem configurada. Isso se dará aos poucos, gradativamente com o correr da idade. Vai, aos poucos, adquirindo, através das figuras da mãe e do pai, primeiramente, percepções que auxiliarão a ver a realidade externa. Posteriormente, buscando no mundo dos demais familiares, do lar, do meio-ambiente, da escola e da comunidade, a criança vai incorporando, introjetando, interiorizando e estruturando conteúdos, percepções, hábitos, modos de ver, sentir e pensar, estilos de vida, visões reais ou irrealis da vida, sentimentos e emoções, vivências ideais e comunicações, expressividade e inibições, favorabilidade ou agressividade... enfim uma modo de ser que passa a perfazer seu mundo pessoal. (Chiappin.1981. p.24.)

E é assim, chegando na adolescência, o mesmo flutua entre o mundo desejado e o temido que a transição e as mudanças trazem. “Tanto as modificações corporais incontroláveis, como os imperativos do mundo externo, que exigem do adolescente novas pautas de convivência, são vividos no começo como uma invasão. Isto o leva a reter, como defesa, muitas de suas conquistas infantis, ainda que coexista o prazer e a ânsia de alcançar um novo *status*”. (Knobel.1981.p.14.) Estas mudanças que o levam a deixar coisas de criança no passado e enfrentar o futuro, fazem-no buscar uma identidade nova que vai se construindo num mundo consciente e inconsciente. Neste contexto de aceitar a deixar o mundo infantil e buscar novas referências ele flutua de forma brusca, com instabilidade de humor e comportamento por certo tempo. Só quando a sua maturidade biológica estiver acompanhada por uma maturidade afetiva e intelectual, que lhe permita a entrada no mundo adulto, estará munido de valores, de uma ideologia que confronta com a do seu meio.

E é aí, entre esta multiplicidade de identificações contemporâneas e contraditórias, que vive o adolescente, é que se coloca a pessoa do treinador de futebol. Este treinador recebe uma gama destes, candidatos a atletas, possuidores de talentos a serem lapidados por treinamentos específicos, mas todos, sem exceção, jovens com todas as características dispostas acima. Este profissional do esporte passa a viver tensões e desafios que, antes, a família e a escola absorviam. Ao chegar às mãos da liderança do treinador, o jovem transporta também a necessidade de continuar sua busca por uma identidade, uma busca por uma figura forte, de referência, de admiração e de contenção de seus conflitos.

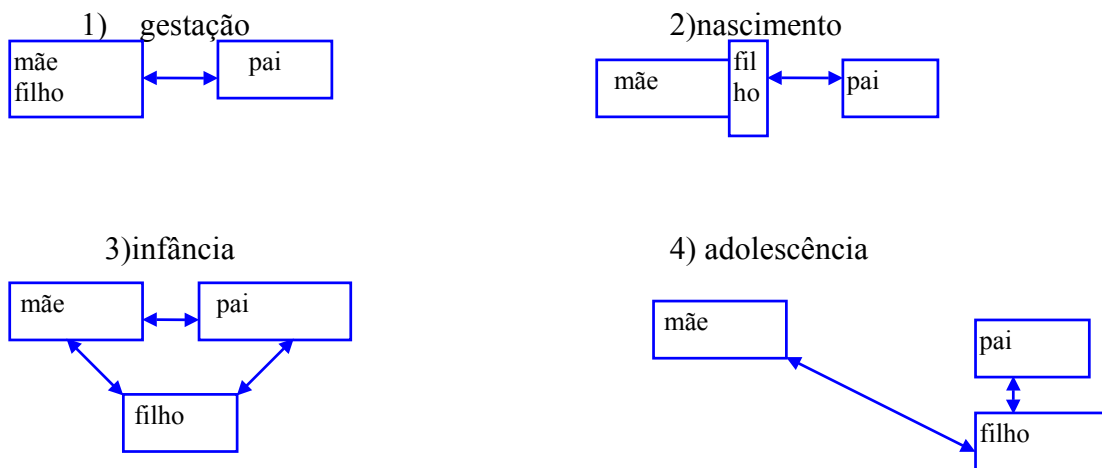
Na realidade da maioria dos clubes brasileiros de futebol, cerca de 40 a 50% dos atletas desta categoria de base migraram de regiões distantes para morar no clube, utilizando-se da estrutura montada para esse fim. Deixando a família com seus respectivos personagens envolvidos na transição e nas mudanças desta fase, o jovem atleta necessitará empreender novas buscas. A psicologia não pode eximir-se de auxiliar o treinador nesta sua demanda. Precisa-se, então, oferecer suporte a fim de auxiliá-lo no manejo de situações surgidas indiscutivelmente em função do período adolescente. Não é prudente o treinador desconsiderar tudo que contextualiza este jovem, pois o treinamento de suas habilidades estará diretamente associado ao cumprimento de seus rituais de idade. O treinador necessita entender a dinâmica do jovem que vê seu corpo se modificando. O treinador necessita entender a tendência grupal em busca de uniformidade e, portanto, saber lidar com as trocas, com as dispensas e com as promoções à titularidade. Justamente por ser o futebol um esporte coletivo, a relação grupal promete ligações e vínculos necessários para o jovem fazer com seus iguais. Assim, o momento da comunicação e a demonstração de regras e limites precisam ser dadas com afeto e com devida noção de que, na figura do treinador, se estabelecem expectativas para uma identificação deste jovem com outra figura de autoridade, que não o pai. Este atleta jovem é o mesmo que traz de sua vida pregressa o conteúdo introjetado por um pai presente ou não, por uma figura de referência ou não. Municiado do perfil psicológico do atleta, o psicólogo auxiliará o treinador a criar possibilidades para este jovem. Reuniões, discussões de caso para adotar manejos, ouvinte das dúvidas e continente das ansiedades, orientações para valorizar talentos farão parte de procedimentos usados pelo psicólogo

Assim, ao utilizar-se da psicologia como mais um recurso para treinar com habilidade, o treinador estará agregando valor à sua formação, melhorando sua forma técnica e tática nos treinamentos. Entendendo o funcionamento do seu público de trabalho, auxiliará na socialização do atleta, dando-lhe mais do que seu saber técnico. Possibilitará um trabalho onde o jogador receberá um saber maior, dentro da papel de ajudador, de conselheiro, amigo, oportunizando ver o esporte como um caminho saudável, funcionando como âncora para uma adolescência normal, com projetos de futuro, realizando com esforço os passos para uma carreira com mais chance de ser vitoriosa.

Tentaremos representar graficamente nossa tese de que o treinador figura entre as mais importantes referências para o jovem e como o psicólogo pode funcionar como continente à essa demanda de responsabilidade, que traz também ansiedades, dúvidas e novas perspectivas de praticar o treinamento.

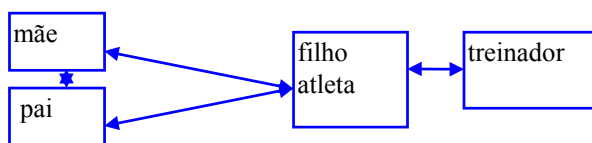
Figura 1

Desenvolvimento da criança /adolescente



Jovem atleta de futebol a partir do estágio 4, da figura 1 faz um situação de afastamento da figura do pai com que vinha tentando uma identificação e aproximação e desloca para o treinador sua expectativa de ter um modelo masculino que corresponda às suas buscas de identificação. O treinador merece entender seus diversos papéis ao passar a lidar com adolescentes, pois uma nova configuração passa a se formar.

6) relação treinador-atleta de base



O atleta, para chegar aos clubes brasileiros de futebol, enfrenta inicialmente o estreitamento de chances, o mundo de testes nos famosos “peneirões”, a competição

acirrada pela vaga de aspirante; ao chegar no clube, enfrenta a luta pela titularidade na equipe e penetra num mundo por vezes ambivalente e desconhecido do seu imaginário. Sem deixar de ser o adolescente instável, flutuante nas emoções e no comportamento, passa a defrontar-se com um universo de diferentes pessoas e a lidar com outros tantos desafios e ambivalências. Aí, então, a necessidade do preparo do treinador, figura máxima na comissão de serviços que o atleta encontra. Ao contrário de um espaço vazio na posição antes ocupada pelo pai, pela família, é importante encontrar alguém que possa ocupar-se de vê-lo em suas particularidades, não apenas em suas habilidades.

A estrutura de um clube de futebol para atender às categorias de base não deve deixar de oferecer muitos dos serviços atualmente vigentes, como alojamento adequados, serviço social, nutrição e serviço médico voltados para o atleta, os quais humanizam a prática do esporte. Necessita, também, agregar ao seu cotidiano o trabalho do psicólogo voltado para a qualificação do treinador, enquanto líder, potencializador de talentos e modelo de identificação.

Concluimos que, ao conhecer as variações de ambiente que contextualizamos em nossa apreciação, consideramos possível e necessário que o futebol absorva a psicologia como um recurso agregador de valor aos serviços hoje já oferecidos aos jogadores e treinadores, contemplando, assim, que possa a ser ainda maior a abrangência de um trabalho no cotidiano de um clube.

### *Referências Bibliográficas*

CARRAVETTA, ELIO. O jogador de futebol. *Técnicas, Treinamento e Rendimento*.

Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001

CHIAPPIN, ACHYLLES. Formação da Personalidade. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia. PUCRS. 1981

ENCICLOPÉDIA BARSA. Vol. 8. Pag. 71 a 78. São Paulo. 1994

FILHO, JOÃO LYRA. Introdução à Psicologia dos Desportos. Rio de Janeiro, Record, 1983.

GUARINO, M. Manual do Técnico Desportivo. São Paulo: Ícone, 1996

JUNIOR, BENNO BECKER. Psicologia aplicada ao treinador esportivo. Novo Hamburgo: Feevale. 2002.

- KNOBEL, M. & ABERASTURY, A. Adolescência Normal. Porto Alegre: Artes Médicas. 1981
- MACHADO, AFONSO ANTÔNIO. Psicologia do Esporte. *Temas Emergentes*. Jundiaí: Àpice, 1997
- MAXIMILIANO, A.C. A. Além da Hierarquia. São Paulo: ed. Atlas. 1995.
- MOURA, PAULO C. da COSTA. O Benefício das Crises. *Desenvolvimento Organizacional e Mudança Planejada*. Rio de Janeiro. LTC ed. 1978.
- ROFFÉ, MARCELO. Psicologia del Jugador de Fútbol. “con la cabeza hecha pelota”. *Ensaïos, Teorias e Experiências*. Buenos Aires. Lugar Editorial. 1999
- SAMULSKI, DIETMAR M. Psicologia do Esporte. *Manual para Educação Física, Psicologia e Fisioterapia*. Barueri. SP: ed. Manole Ltda. 2002
- SAMULSKI, DIETMAR. M. Psicologia do Esporte. *Teoria e Aplicação Prática*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária. UFMG. 1995

## Currículo

Lizete Leonhardt

Psicóloga formada em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos - São Leopoldo - RS. Pós Graduada em Recursos Humanos pela Fundação Getúlio Vargas com trabalhos em Consultoria voltada para grupos no segmento Organizacional.

Psicóloga do Grêmio Football Portoalegrense desde 1999, com trabalhos junto ao Futebol Profissional e Categorias de base.